

Escritura e teologia:  
percurso e reflexões metodológicas na  
*Introdução ao Cristianismo* de J. Ratzinger  
*Scripture and Theology:*  
*Path and Methodological Reflections in J. Ratzinger's*  
Introduction to Christianity

MARIA DE LOURDES CORRÊA LIMA\*

**Abstract**

The relationship between Biblical Sciences and Theology is a key issue for the comprehension and practice of both exegesis and theological work. The answer one gives to this question brings along significant methodological repercussions for these two fields of study. As a contribution to the reflection on this theme, the present study focuses on a chapter within the work *Introduction to Christianity* by J. Ratzinger, seeking to unravel the methodological path taken.

**Keywords:** Theology and exegesis; Old-New Testament relationship; Theological hermeneutics.

**Resumo**

A relação entre ciências bíblicas e teologia é uma questão primordial para a compreensão e a prática seja da exegese seja do trabalho teológico.

---

\* Professora da Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Teologia; Doutorada em Teologia Bíblica pela Universidade Gregoriana; <http://orcid.org/0000-0003-2382-1058>; [mllima@puc-rio.br](mailto:mllima@puc-rio.br).

A resposta que se dá a esta questão traz com significativas repercussões para a metodologia de um e outro campo de estudo. Com a finalidade de contribuir para a reflexão deste tema, o presente estudo se detém sobre um capítulo da obra *Introdução ao Cristianismo* de J. Ratzinger, procurando deslindar o caminho metodológico nele percorrido.

**Palavras-chave:** Teologia e exegese; Relação Antigo-Novo Testamento; Hermenêutica teológica.

### Introdução

«A Escritura deve ser como que a alma da Sagrada Teologia» (*Dei Verbum* 24). A relação entre esses dois campos de estudo, que, especialmente desde os primeiros anos do século xx apareceram muitas vezes não só desligados, mas, em alguns casos, mesmo opostos, pode ser contemplada no labor concreto de um dos teólogos mais renomados das últimas décadas. É conhecida, de fato, a grande dimensão da obra de J. Ratzinger e, particularmente, a importância por ele dada à reta compreensão da Escritura e à sua integração no proceder teológico. A análise de tal «metodologia» pode ser feita partindo de muitos escritos seus. Um exemplo significativo por se encontrar ainda nos primeiros anos do professor de Tübingen e que demonstra seu lastro no decorrer de obras posteriores é encontrado no volume *Introdução ao Cristianismo*, dado a conhecer ao público há pouco mais de cinquenta anos.

Considerada sua finalidade, qual seja «ajudar a compreender de uma nova maneira a fé como possibilidade de uma verdadeira existência no mundo de hoje»<sup>1</sup>, e seguindo o desenvolvimento do Credo, o tema de «Deus» nele ocupa o primeiro lugar, seguindo imediatamente a reflexão sobre o «crer». Neste grande capítulo, parte-se de «questões preliminares», baseadas fundamentalmente na pergunta acerca da ideia de Deus na humanidade, sua origem, importância e principais formas, acerca da experiência religiosa das diversas culturas e seu significado, e chega-se ao sentido da fé num Deus único. No segundo ponto deste capítulo, é

---

<sup>1</sup> Joseph Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo* (São Paulo: Loyola, 2005), 26.

tratada a visão bíblica de Deus. O presente trabalho se detém sobre este último, uma vez que oferece elementos relevantes para a compreensão do modo de proceder teológico e, particularmente, da integração entre os dados bíblicos e a reflexão teológica.

Em vista da compreensão do pensamento aí exposto, primeiramente, será traçado o caminho percorrido por J. Ratzinger na exposição do assunto. Num segundo momento, passa-se a detectar as linhas de força deste percurso, a localizar estas coordenadas dentro das finalidades e metodologias das ciências bíblicas e da teologia, para, por fim, considerar sua contribuição para os estudos bíblicos e teológicos bem como para a pastoral hoje.

## 1. A fé bíblica em Deus

### 1.1. *O desenvolvimento da reflexão*

Com a finalidade de responder à questão sobre quem é Deus e seu sentido conforme a fé cristã, J. Ratzinger se propõe a fazer um percurso histórico, dos dados iniciais das tradições veterotestamentárias até o Novo Testamento. Parte da análise dos nomes preponderantes de Deus usados no Antigo Testamento, Elohim e YHWH, por expressarem a concepção que a fé israelita teve de Deus<sup>2</sup>. Encontra-se no centro desta concepção a revelação do nome de Deus a Moisés, narrada em Ex 3.

Para compreensão do sentido do «nome» em Ex 3,14, nosso Autor recorre a estudos semânticos. Porém, a explicação etimológica, afirma Ratzinger, que iria na linha da ideia de «ser» («eu sou»), não alcança o real sentido do nome, uma vez que logo a seguir o texto bíblico identifica Deus com o Deus dos pais (Deus de Abraão, Isaac e Jacó). O «nome», portanto, pelo próprio contexto literário, exige tanto uma explicação que ultrapasse o dado semântico<sup>3</sup> quanto uma reflexão acerca do conceito de Deus que nele se expressa. Para tanto, averigua a compreensão que

---

<sup>2</sup> Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 87.

<sup>3</sup> Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 88.

tiveram deste nome os Santos Padres, muitas vezes calcados na tradução grega, «ἐγὼ εἶμι ὁ ὄν». Exegetas e teólogos sistemáticos, de modo geral, afirmam que a antiga tradução grega e os Santos Padres desinterpretaram a fé bíblica, pois transformaram um nome que foge a uma definição em um conceito bem definido. Ratzinger se propõe, então, a averiguar se isso de fato ocorreu; para isso parte dos dados exegéticos.

Se a averiguação etimológica do significado do nome YHWH não resolve a questão, o fato que este nome não seja encontrado senão no testemunho bíblico permite afirmar que ele tem origem exclusivamente em Israel. Esta visão histórica, sublinha nosso Autor, não contraria a convicção de fé de que, neste ponto, houve um evento especial de revelação. «Esse seria o ponto de vista do historiador, que não invalida a convicção do fiel, de que essa reformulação “criativa” só foi possível graças à revelação recebida.»<sup>4</sup>

E, continua, este nome não só serviu para dar esperança aos israelitas, mas foi ainda essencial para a constituição de Israel como povo. Chega, assim, à conclusão de que, já sob a perspectiva histórica, Israel é povo somente a partir de Deus.

A peculiaridade da concepção israelita não elimina, porém, os contatos do nome YHWH com outros pré-israelitas, particularmente com nomes teofóricos que apresentam elementos correspondentes ao *ya-* hebraico. Seu significado vai na linha de colocar o fiel e a divindade em estreita relação, de modo que esta última se identifica como um deus pessoal (o *meu* Deus). Este dado liga o nome YHWH ao conceito pré-mosaico, segundo o qual Deus é chamado de «Deus de Abraão, Isaac e Jacó». Com isso, Ratzinger identifica uma continuidade entre a concepção pré-mosaica de Deus e a concepção atestada em Ex 3,14<sup>5</sup>.

Por outro lado, o fato de El / Elohim ser um Deus ligado a pessoas e não a um local aponta para um aspecto relevante do conceito israelita de Deus. Com efeito, um deus ligado a um local corre o perigo de

---

<sup>4</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 90, nota 2.

<sup>5</sup> Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 91-94.

identificar-se com este lugar e de limitar-se a ele, levando, por conseguinte, à necessidade de multiplicação de lugares relacionados a essa divindade, com a conseqüente perda da unicidade da divindade. Já um Deus pessoal liga-se diretamente ao ser humano, manifesta-se onde as pessoas estão; é um Deus numa relação eu-tu, presente à vida humana onde ela se situa; um Deus próximo.

Isso explica por que YHWH foi considerado o maior de todos os deuses e foi escolhido por Israel. Novamente nosso Autor sublinha que esta percepção de Israel, que se constitui no dado principal da fé israelita, se deve à revelação<sup>6</sup>. De outra parte, o nome El foi sendo substituído pelo seu plural, Elohim, porque YHWH foi percebido como o mais sublime. Dessa maneira, a um tempo, aceitou-se a questão posta pelo politeísmo, mas afirmou-se a unicidade de Deus; simultaneamente, abriu-se a porta para a revelação neotestamentária do Deus trino. Com o plural Elohim, expressou-se, então, que: «*tudo o que é divino é Ele*»<sup>7</sup>.

Concomitantemente, foram negados todos os outros possíveis nomes de Deus (Baal, Moloch) e a ligação da divindade com mitos de fertilidade, com um local ou uma categoria social (Deus como rei). Por fim, um Deus que não é retratado como os deuses ligados aos ciclos da natureza, à morte e retorno à vida, é um Deus que aponta para o futuro, que mostra uma meta, baseada em sua promessa, e, com isso, é o Deus da história e da esperança<sup>8</sup>.

Em síntese, afirma nosso Autor, no nome YHWH reúnem-se o que este nome significa e o conteúdo da fé dos pais. Porém, com aspectos caracterizantes. Primeiramente, por ter um nome próprio, Deus é visto como Alguém individualizado. Por outro lado, seu nome não é exatamente um nome ou ao menos não se coaduna com nenhuma forma de nomes de divindades. Ratzinger chama a atenção para o fato que o «Eu sou o que sou», em sentido próprio, não responde realmente à pergunta de Moisés, pois identifica sem de fato identificar. Em outras palavras,

---

<sup>6</sup> Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 93, nota 4.

<sup>7</sup> Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 94.

<sup>8</sup> Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 93.

se Deus não diz seu nome como as outras divindades, então Deus não é como os outros deuses. Ou seja, seu nome expressa um Deus que de fato não pode ser definido<sup>9</sup>. A recusa, em Israel, de se pronunciar o nome de Deus – reflete nosso Autor – corresponde precisamente à percepção deste mistério.

Ao mesmo tempo, o «Eu sou» torna-se o nome que Moisés dirá («O Eu sou me envia a vós», Ex 3,14). Um nome que, ao não falar da essência de Deus, expressa sua presença operante para Israel<sup>10</sup>. Com isso, nosso Autor chama em causa o texto de Is 40,6-8, que tematiza a presença de Deus para seu povo.

Nesse ponto, Ratzinger retorna a uma questão posta no início de sua exposição, qual seja a de como o Deus dos filósofos se relaciona com o Deus bíblico. Para isso, indica como caminho aprofundar a fé bíblica e o pensamento filosófico<sup>11</sup>. Para o primeiro ponto, afirma a necessidade de considerar o tema sobre o cenário do mundo politeísta circundante e em relação a vários textos da Escritura, para que, assim, ele seja situado no conjunto do pensamento religioso de Israel. É nesse sentido que retoma passagens do Dêutero-Isaías, as quais demonstram como a fé israelita entendeu, em época exílica, o significado do nome de Deus. Aos reinos mais poderosos e de seus deuses, que são transitórios, seu anúncio contrapõe o Deus de Israel, que não passa: Ele «é»: «Eu sou o primeiro e com os últimos ainda serei o mesmo» (Is 41,4; cf. 44,6; 48,12). O texto bíblico, todavia, não se limita a uma definição metafísica de Deus; antes, coloca-a em estreita relação com o povo eleito.

«Em todo esse processo do vir a ser e do perecer, Deus “é”. Só que esse “é” de Deus, que permanece, como o constante, acima da inconstância do devir, não é apresentado fora de qualquer tipo de relação [...]; ele está presente para nós e, pela firmeza de sua presença, ele nos confirma, apesar de nossa inconstância. O Deus que “é” é ao

---

<sup>9</sup> Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 96.

<sup>10</sup> Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 96.

<sup>11</sup> Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 97-98.

mesmo tempo o Deus que está conosco; ele não é apenas Deus em si, mas é o nosso Deus, o Deus dos pais.»<sup>12</sup>

Ratzinger observa que estas são formulações novas do mesmo pensamento de Ex 3,14 e que se traduzirão mais tarde, no grego («ἐγώ εἰμι», «Eu sou»), como indicação da peculiaridade do Deus de Israel em sua característica de imutabilidade frente ao passageiro.

Seguindo o desenvolvimento da revelação, nosso Autor chega ao Novo Testamento. A reinterpretação final desse tema aparece no evangelho de João, em cuja cristologia a formulação «Eu sou» aparece como tema central. Ratzinger observa que João, mais do que qualquer outro texto neotestamentário, retoma os elementos do episódio da sarça e, com isso, estabelece um paralelo entre Jesus e Moisés. Ilustra esse pensamento com o discurso de Jo 17, centrado na ideia de que Jesus revela o nome de Deus (cf. Jo 17,6.11.12.26)<sup>13</sup>.

«Manifestei teu nome aos homens que me deste» (Jo 17,6)

«Pai santo, guarda-os em teu nome, que me deste» (Jo 17,11)

«Quando eu estava com eles, eu mesmo conservava-os no teu nome, o nome que me deste» (Jo 17,12)

«Eu lhes dei a conhecer o teu nome» (Jo 17,26)

Dessa forma, fecha-se o círculo iniciado em Ex 3,14, que passou pelo Dêutero-Isaías e chegou a João: Jesus Cristo é «a própria sarça ardente a partir da qual o nome de Deus é comunicado aos homens»; «é *ele mesmo* o nome pelo qual Deus se torna invocável»<sup>14</sup>. Em outras palavras, o Nome se converte em Pessoa: «O nome deixa de ser uma mera palavra; ele se torna pessoa no próprio Cristo. A cristologia ou, melhor dizendo, a fé em Cristo torna-se, como um todo, interpretação do nome de Deus e daquilo que se quer dizer com esse nome.»<sup>15</sup>

---

<sup>12</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 97.

<sup>13</sup> Cf. Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 99.

<sup>14</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 99.

<sup>15</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 99.

Não se conclui com este ponto, todavia, a reflexão. O tema avança ainda com a consideração do significado do nome e do sentido de se pensar acerca do nome de Deus. Parte-se, então, da distinção entre conceito e nome. Diferente do conceito, que visa expressar o que é uma coisa, o nome tem por finalidade fazer com que algo/alguém possa ser referido ou chamado. É meio para entrar em relação, para participar ou fazer participar de relações sociais. Desse modo, a fé bíblica, observa Ratzinger, é mais do que a menção de um conceito filosófico de Deus («ser supremo»): ao revelar seu nome, Deus não dá a conhecer sua profunda essência, mas se torna capaz de ser invocado, torna-se próximo. Com isso, pode-se compreender mais profundamente o ponto final do desenvolvimento da revelação do nome de Deus. Isto é: quando João fala de Jesus como o Nome de Deus, quer dizer que, nele, Deus é realmente acessível e pode ser invocado.

«Nele se cumpriu o que nenhuma palavra tinha condições de cumprir. Nele, o sentido do discurso sobre o nome de Deus alcançou a sua meta; realizou-se o que a ideia do nome sempre quis dizer e exprimir. [...] Nele, Deus entrou para sempre na coexistência conosco; o nome deixou de ser uma mera palavra à qual nos apegamos; ele passou a ser carne da nossa carne, osso do nosso osso, Deus é um dos nossos.»<sup>16</sup>

A exposição termina com uma síntese, em dois aspectos, do conceito bíblico de Deus. Primeiramente, o Deus da Escritura é um Deus pessoal, que se relaciona intimamente com a humanidade, sendo-lhe próximo: mostra-se presente e pode ser invocado. Em segundo lugar, isso vem de um Deus que está acima do tempo e do espaço, daquele que se revelou na misteriosa expressão «Eu sou». Israel demonstrou isso diante das divindades dos outros povos ao evidenciar que seu Deus sempre existe, que ele não passa como os povos e os seus deuses, e que, portanto, está acima de

---

<sup>16</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 100.

todos os outros deuses. Mais ainda, Israel compreendeu que YHWH não era simplesmente seu Deus, mas Deus de todos. Chegando a esse ponto, Ratzinger põe em relevo o significado deste conceito de Deus para a humanidade e para cada ser humano: «Só podem realmente ter o Deus verdadeiro os que não têm um Deus próprio, os que confiam somente no Deus que, assim como é o meu Deus, é também o Deus do outro, porque nós dois lhe pertencemos.»<sup>17</sup>

Por fim, nosso Autor anuncia que tratará, no capítulo sucessivo, da relação deste conceito bíblico de Deus com a filosofia, portanto, da relação entre fé e razão.

### 1.2. *Síntese: a imagem de Deus*

Os dados acima permitem a apresentação, de forma sistematizada, dos pontos fortes da imagem de Deus e sua revelação explanados no artigo em questão.

a) *O caráter único da revelação de Deus no Antigo Testamento.* O povo do Antigo Testamento desenvolveu uma ideia de Deus não como fruto de puras especulações humanas, mas pela revelação de uma Pessoa que veio ao seu encontro e com ele teceu uma história.

b) *Deus como determinante para a existência do povo.* A fé no Deus que se revelou não só deu sentido à história de Israel, mas constituiu, ela mesma, este povo como povo de Deus. Israel é povo porque Deus veio ao seu encontro, é povo enquanto está em relação com Deus.

c) *O Deus pessoal.* Não se trata de um deus cósmico, agente das estações do ano ou simples regente do mundo, mas de um Deus que é Deus do povo, primeiro em relação comunitária mas sempre em relação com o indivíduo. Toda a história israelita dependeu desta relação. Deus não só agiu em favor do povo, apontou-lhe caminhos, fez-lhe exigências, mas, em tudo isso, o ponto de interesse era, finalmente, que «vós sois meu povo e Eu sou o vosso Deus» (cf. Jr 31,33): a comunhão, a mútua pertença. É, portanto, um Deus próximo, que toca a imanência da história.

---

<sup>17</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 101.

d) *Deus transcendente*. Mesmo na proximidade a Israel, o Senhor permanece o Deus transcendente. Isso se manifesta de múltiplas formas:

- Não é um Deus ligado a um local, mas ligado ao homem onde ele se encontra; sua ação não se limita ao lugar sagrado. Como consequência, é um Deus que não está condicionado por nada.
- A partir dessa constatação, o Deus de Israel só pode ser um Deus único. Isso se expressa, dentre outros fatores, no fato de seu nome ser plural, *Elohim*. Ele supera todos os possíveis epítetos que se lhe pudessem outorgar.
- A transcendência aparece também no modo como Deus se apresenta a Moisés. Ao revelar seu nome, na realidade não o revela, pois se trata de um «nome» que não define, mas, antes, que vela o mistério.
- Por esta transcendência, Deus não está delimitado pelos ciclos da natureza, com a alternância morte-vida, mas é o deus que faz o povo olhar para o futuro, que promete e, portanto, cumprirá sua palavra.
- É um Deus imutável, acima das vicissitudes humanas, e, por isso, o todo-poderoso, senhor do cosmo e da história.

e) É o Deus de Jesus Cristo. Jesus Cristo realiza, em sua Pessoa e em sua missão, todas as prerrogativas do Deus revelado no Antigo Testamento. Somente sobre o cenário veterotestamentário é possível perceber a profunda realidade da Pessoa divina de Jesus. E, ao mesmo tempo, a sua total imanência ao homem e à sua história. Nele, a um tempo, esconde-se a inefabilidade de Deus e manifesta-se sua proximidade ao ser humano.

## 2. Análise do percurso feito

### 2.1. *Identificação das coordenadas do percurso*

A descrição das linhas principais da reflexão de Ratzinger na abordagem bíblica do tema «Deus» permite identificar algumas de suas coordenadas.

#### a) *Consideração dos estudos exegéticos*

De modo diferente daquele utilizado muitas vezes nos tratados de sua época de estudos, Ratzinger não procura na Escritura «prova» ou ilustração de verdades teológicas. Ao contrário, acerca-se dos textos bíblicos procurando compreendê-los em si mesmos, dentro de seu horizonte histórico, cultural e religioso, para, a partir daí, refletir sobre os elementos que podem iluminar a questão sobre a qual se detém. Nesse sentido, considera grandemente os estudos exegéticos, o que é demonstrado seja pelas informações que traz ao leitor seja por aqueles autores aos quais explicitamente se refere. Nesse particular, pode-se observar que conhece e utiliza a literatura exegética de então, discernindo aqueles estudos que ofereciam dados mais seguros tanto pela competência da pesquisa como pela opção pelas balizas epistemológicas mais adequadas à natureza do dado revelado.

#### b) *Valorização da reflexão para aprofundamento do sentido dos dados bíblicos e dos dados exegéticos levantados*

Os dados bíblicos e exegéticos são acompanhados por uma reflexão mais profunda do que a etimologia, a semântica e a análise imediata do texto podem oferecer: reflete-se sobre o seu *sentido*, considerando a fé da comunidade de onde eles procedem e a fé que eles querem afirmar e confirmar, sempre no quadro de um evento de revelação e, portanto, em última instância, em sua origem divina. Sua reflexão vai-se construindo paulatinamente, seguindo uma rigorosa lógica e deixando-se interpor pelas questões que se impõem em termos de gramática e história.

A teologia surge, dessa maneira, não como uma categoria externa, mas como inteligência do sentido da Escritura.

c) *Leitura da Escritura em seu conjunto*

A reflexão de Ratzinger se desenvolve partindo do Antigo e chegando ao Novo Testamento. Pode chamar a atenção tal caminho, uma vez que, como cristão, poderia ter tomado como ponto inicial a compreensão neotestamentária de Deus. Por que não o faz? Percebe-se a preocupação em seguir o desenvolvimento histórico-teológico da temática, que corresponde à índole histórica da revelação, afirmada em alguns momentos<sup>18</sup>. Essa maneira de trabalhar, tão atual mesmo hoje, após tantas décadas da publicação da obra em análise, deixa entrever a concepção da Escritura como um único todo, que tem seu princípio de unidade no Deus que se revela e cuja chave hermenêutica é Jesus Cristo, «mediador e plenitude de toda a revelação» (*Dei Verbum* 2). Nosso Autor demonstra, com a reflexão que vai construindo, a profunda unidade entre Antigo e Novo Testamento, ou seja, da Bíblia cristã, e, com isso, manifesta a convicção da necessidade do Antigo Testamento para a compreensão da fé e da teologia. Embora reconhecendo as diferenças, sublinha os fios que passam a ambos e que conduzem o dado da fé a desabrochar plenamente no Novo Testamento. Reflete sobre o seu *sentido*, levando em conta a fé da comunidade de onde os textos procedem e a fé que querem afirmar e confirmar, sempre no quadro de um evento de revelação e, portanto, em última instância, tendo em consideração sua origem divina. Sua reflexão vai-se construindo paulatinamente, seguindo uma rigorosa lógica e deixando-se interpelar pelas questões que se impõem em termos de gramática e história. A teologia surge, dessa maneira, não como uma categoria externa, mas como inteligência do sentido da Escritura.

Assim se expressa Ratzinger no artigo anterior a este que ora se analisa, o qual versa sobre pontos preliminares a serem considerados na reflexão sobre o tema de Deus:

---

<sup>18</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 82, 87.

«O Credo cristão retoma, em suas primeiras palavras, o Credo de Israel e, com ele, também a luta de Israel, a sua experiência de fé e a sua contenda por Deus. Assim, esta se transforma em dimensão interna da fé cristã, que nem existiria sem essa luta. Incidentalmente deparamo-nos aqui com uma regularidade importante da história das religiões e da fé: ela se desenvolve sempre em forma de referências, jamais no sentido de uma descontinuidade total.»<sup>19</sup>

Tal compreensão não é feita de maneira superficial ou extrínseca aos dados bíblicos, mas, ao contrário, através da busca da compreensão da Escritura pela Escritura, na moldura da fé eclesial, tecendo uma trama baseada não só em temáticas – que poderiam mais facilmente cair na subjetividade de pontos de vista – mas em semelhanças terminológicas e estruturais, ou seja, dentro de um rigoroso caminho exegético. Nisso, se vale de estudos exegéticos e lhes dá a devida importância dentro do labor teológico, em afinidade com os princípios da *Dei Verbum*.

*d) Abertura para as questões e os questionamentos da cultura de sua época e preocupação constante com o anúncio da fé*

Transparece no desenvolvimento do pensamento do Autor a constante preocupação por compreender em profundidade o dado bíblico – sob o ponto de vista histórico, literário e teológico –, na busca do sentido do tema tratado para a fé cristã. Nessa linha, as conclusões que vai elaborando contemplam o significado antropológico e existencial do dado da fé, deixando clara a atualidade da revelação.

*2.2. Compreensão das coordenadas no contexto da teologia e das ciências bíblicas*

A abordagem bíblica de Ratzinger ao tema «Deus» mostra a importância por ele dada à diacronia na exegese, que tem sua legitimidade e necessidade ancoradas no fato de a revelação divina se dar na história

---

<sup>19</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 82.

e através da história – junto com a palavra (cf. *Dei Verbum* 2). Isso é explicitamente afirmado no artigo anterior ao que ora se analisa e que lhe serve de introdução: «A fé de Israel constitui uma novidade em relação à fé dos povos que vivem ao seu redor; mesmo assim não se trata de uma fé caída do céu.»<sup>20</sup> Ou ainda nas palavras que abrem o capítulo sobre «A fé em Deus na Bíblia»: «Para compreender a fé em Deus como a encontramos na Bíblia, é preciso estudar a sua evolução histórica desde as origens nos patriarcas de Israel até as últimas escrituras do Novo Testamento.»<sup>21</sup>

Nesse sentido, nosso Autor acolhe as orientações já colocadas, quanto a este ponto, pela encíclica *Divino Afflante Spiritu* (Pio XII, 1953), que rejeitou uma tendência espiritualista daquela época, a qual desqualificava os estudos exegéticos históricos por entendê-los como opostos ao cultivo da fé<sup>22</sup>. Essa linha foi confirmada, no Vaticano II, pela *Dei Verbum*, ao se referir explicitamente ao texto de Pio XII<sup>23</sup>.

Ao mesmo tempo, nosso Autor une os resultados trazidos pela exegese à reflexão teológica, colocando-os dentro do marco da fé. Testemunha, dessa maneira, a integração entre razão e fé e, com isso, toma implicitamente partido contra qualquer tendência fundamentalista, de um lado, e contra o racionalismo, ou seja, a exegese liberal, de outro. Não faz «teologia bíblica» no simples sentido de entender a mensagem da Escritura no seu momento histórico, mas sim «teologia», na qual o dado bíblico é considerado na moldura da Tradição, ambas intimamente ligadas como instrumentos da revelação divina.

Sua reflexão teológica se realiza, assim, na linha da *Dei Verbum*, tendo ele mesmo participado, a partir de dentro, do Concílio Vaticano II, e produzido, para o *Lexikon für Theologie und Kirche*<sup>24</sup>, um extenso

---

<sup>20</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 82.

<sup>21</sup> Ratzinger, *Introdução ao Cristianismo*, 87.

<sup>22</sup> A encíclica segue, aqui, o parecer da Comissão Bíblica em documento de 1941. Nele, rejeitava-se o opúsculo anônimo que criticava os métodos exegéticos científicos e defendia uma leitura espiritualista: cf. *Enchiridion Biblicum. Documenti della Chiesa sulla Sacra Scrittura. Edizione bilingue* (Bologna: Dehoniane, 1993), 522-539 (=EB).

<sup>23</sup> Cf. *Dei Verbum* 12, nota 8, remetendo ao EB 557-562.

<sup>24</sup> Cf. Joseph Ratzinger, «Dogmatische Konstitution über die göttliche Offenbarung,» in Karl Rahner (ed.), *Lexikon für Theologie und Kirche*, v. 12, 2.<sup>a</sup> ed. (Freiburg: Herder, 1964).

comentário a esta constituição dogmática. Segundo a *Dei Verbum* 11, «tudo o que os autores inspirados ou os hagiógrafos afirmam deve ser considerado como afirmado pelo Espírito Santo»<sup>25</sup>. «Afirmar» significa, no texto conciliar, ir para além da literalidade das palavras e alcançar o sentido das mesmas. Em relação ao hagiógrafo, esse sentido é o do texto na sua época, considerados os modos de expressão e a cultura de então. Mas não é este todo o seu significado: antes, através dele, se abre o sentido divino («afirmado pelo Espírito Santo»). A expressão humana é, para nosso Autor, dado que abre à própria Palavra de Deus. Daí a importância que confere aos estudos das ciências bíblicas.

O desenvolvimento da reflexão de Ratzinger leva a efeito, igualmente, o que é expresso na *Dei Verbum* 12, qual seja, que «a Sagrada Escritura deve ser lida e interpretada no mesmo Espírito com que foi escrita». Este antigo princípio aparece expressamente na encíclica *Spiritus Paraclitus*<sup>26</sup> (Bento XV, 1920) e significa a busca do sentido mais profundo, visado por Deus<sup>27</sup>. Afastando-se de uma leitura «espiritualizante», a reflexão de Ratzinger busca e alcança o significado que Deus quis expressar através das palavras humanas<sup>28</sup>. A teologia sobre Deus surge, dessa maneira, do interior dos textos bíblicos, da sua realidade por assim dizer material (letra, cultura, espaço e tempo) e desabrocha na Palavra que Deus quer comunicar. Com isso, nosso Autor se alinha ao que preconiza a *Dei Verbum* 24, segundo a qual «a Sagrada Teologia apoia-se, como em seu fundamento perene, na palavra de Deus escrita, juntamente com a Sagrada Tradição». O artigo aqui analisado mostra um exemplo concreto de como «o estudo» da Escritura «deve ser como que a alma da Sagrada Teologia»<sup>29</sup>. Nesse particular, contando com os ganhos dos estudos

---

<sup>25</sup> Texto latino: «*Cum ergo omne id, quod auctores inspirati seu hagiographi asserunt, retineri debeat asserunt a Spiritu Sancto...*» (*Dei Verbum* 11).

<sup>26</sup> Cf. EB 469. A frase já aparece em Orígenes (cf. *De principiis*, I, Praef. 8: SC 252, 84, 86) e é retomada por outros Padres.

<sup>27</sup> Cf. Ignace de la Potterie, «Il Concilio Vaticano II e la Bibbia,» in Ignace de la Potterie *et al.* (org.), *L'esegesi cristiana oggi* (Casale Monferrato: Piemme, 1991), 19-42, aqui 37-38.

<sup>28</sup> Cf. *Dei Verbum* 12.1.

<sup>29</sup> «*Sacra Theologia in verbo Dei scripto, una cum Sacra Traditione, tamquam in perenni fundamento innititur [...]; ideoque Sacrae Paginae studium sit veluti anima Sacrae Theologiae*» (*Dei Verbum* 24).

exegéticos de sua época, aproxima-se, todavia, da exegese patrística, enquanto a teologia nos primeiros tempos da Igreja era unicamente inteligência da Escritura dentro da moldura da fé.

Outro ponto relevante do modo como nosso Autor desenvolve sua reflexão é seu respeito pelo processo da revelação divina sem perder o critério hermenêutico último, qual seja, Jesus Cristo como ponto ômega do plano de Deus e seu princípio estruturante. Seu labor teológico na investigação da Escritura enquadra-se coerentemente com as balizas para a «leitura no Espírito» colocadas pela mesma constituição dogmática em seu número 12:

- o «conteúdo e unidade de toda a Escritura», pelo que um texto só pode ser bem compreendido dentro do conjunto, que tem em Jesus Cristo sua coesão;
- a «Tradição viva de toda a Igreja», demonstrada não só pelo recurso a vozes dos Santos Padres e do Magistério eclesial, mas sobretudo por seu alinhamento com a compreensão do tema de Deus segundo o ensino da Igreja desde os seus primórdios;
- e a «analogia da fé», pelo que integra os elementos da fé no Deus uno, característica da revelação veterotestamentária, com a fé na Trindade, novidade absoluta do Novo Testamento.

Também nesse ponto Ratzinger mantém contatos com o modo de leitura da Escritura praticado pelos Santos Padres e pelos mais eminentes teólogos desde a antiguidade até os tempos atuais, isto é, a iluminação da Escritura pela Escritura, dentro da moldura da Tradição divino-apostólica, que deu origem aos textos bíblicos e os acompanha em todos os tempos, explicitando seu sentido.

Nesse sentido, nosso Autor realiza o que será, em anos posteriores à sua *Introdução ao Cristianismo*, uma das vertentes da «abordagem

canônica», tematizada sobretudo a partir dos anos 70<sup>30</sup>, e que reaparecerá nas obras mais recentes de Ratzinger – Bento XVI sob a expressão «exegese canônica»<sup>31</sup>. Esta significa e não é praticada como uma aproximação superficial e subjetiva de textos bíblicos, mas, tendo em conta as diferenças entre os textos, nosso Autor busca uma unidade a partir de um princípio superior, o plano de revelação de Deus<sup>32</sup>.

Por fim, a ótica propriamente teológica com que nosso Autor perscruta os textos bíblicos abre para a manifestação de seu sentido para o homem e a sociedade de todas as épocas. Evidencia, portanto, de um lado, a atualidade da Escritura na vida da Igreja e, de outro, a necessidade de a teologia, a exegese, a pastoral pautarem-se pela leitura e interpretação dos textos sagrados numa visão que, abarcando seu sentido literal<sup>33</sup>, esteja constantemente aberta ao seu sentido dentro do plano de Revelação de Deus. No *modus operandi* de Ratzinger, a Escritura ocupa, dessa maneira, seu lugar como instrumento de um plano de revelação que ultrapassa os momentos históricos singulares em virtude de sua finalidade e lógica próprias e de sua essência, que, derivando da eternidade de Deus, ultrapassa tempo e espaço.

### 2.3. *Contribuição para a exegese, a teologia e a pastoral*

O método de reflexão seguido por J. Ratzinger no artigo sob exame demonstra-se não só como caminho para delinear-se a visão bíblica de um tema, mas ainda como percurso para o trabalho teológico. Evidencia, de um lado, a importância das ciências bíblicas para a reflexão sobre a fé, sobre suas raízes e consequências e, por conseguinte, para o anúncio, a evangelização e a formação sempre continuada do povo de Deus, bem como para o diálogo com a cultura e as culturas.

---

<sup>30</sup> Cf. A.G. Hunter, «Canonical Criticism,» in R.J. Coggins e J.L. Houlden (eds.), *A Dictionary of Biblical Interpretation* (London: SCM Press, 1990), 105-107.

<sup>31</sup> Joseph Ratzinger – Bento XVI, *Jesus de Nazaré* (São Paulo: Planeta, 2007), 15-16.

<sup>32</sup> Sobre possíveis compreensões simplistas da abordagem canônica, cf. Horacio Simian-Yofre, «Possibilità e limiti dell'interpretazione "canonica" della Bibbia,» in *Rivista Biblica* 56 (2008): 157-175.

<sup>33</sup> Entendido segundo a nomenclatura do documento *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, da Pontifícia Comissão Bíblica (1993): cf. II, B, 1 (*EB* 1406-1407).

Por outro lado, ao oferecer claras pistas para o labor teológico, indica simultaneamente aspectos relevantes para o trabalho exegético. Pois exige que o estudioso e intérprete da Escritura procure, para além do sentido visado pelo texto em seu contexto de formação, a sua relação com a *regula fidei*. Se, de fato, a Escritura deve animar por dentro a teologia, isso significa para os exegetas a necessidade de uma atenção constante ao discernimento sobre o escopo da exegese em sua natureza de disciplina teológica e eclesial. Se o trabalho exegético inclui uma grande complexidade, por envolver elementos linguísticos, sociais, históricos, culturais, dentre outros, é mister que sua finalidade última esteja sempre presente como horizonte orientador. Em outros termos: o serviço à Palavra de Deus, ao aprofundamento sempre maior de seu sentido, em vista da edificação do Corpo eclesial – a fé que se deve tornar sempre mais vivência das riquezas da revelação divina – e em vista da construção de uma cultura e uma sociedade que atendam às genuínas demandas da humanidade. É o Evangelho que oferece os motivos, os impulsos e a força para as mais radicais transformações pessoais e sociais na perspectiva do Reino de Deus. Nesse sentido, Ratzinger indica implicitamente como o trabalho exegético deva permitir ao próprio estudioso aproximar-se mais intensamente do significado divino da Palavra, o que permite desenvolver as condições necessárias para que o transmita de maneira mais apta a seus leitores ou ouvintes. Não deixa de ser, portanto, uma grande interpelação aos estudiosos.

Nessa mesma linha, a reflexão sobre a pastoral eclesial e sua prática pode receber da observação do percurso realizado por Ratzinger luzes significativas. Considerando as diversas situações de membros e grupos eclesiais, as demandas e expectativas, necessidades e questionamentos do homem e das culturas em cada espaço e tempo, bem como os meios à disposição em cada época e situação, o modo como foi conduzida a reflexão sobre Deus é capaz de incentivar a busca por caminhos de evangelização que, aderentes ao contexto concreto dos destinatários, sejam reais caminhos para o encontro com Deus que se revelou em Jesus Cristo. Lança, de fato, sérias provocações em vista de iniciativas sempre novas e

sempre mais conformes à mensagem da Revelação. Particularmente, com sua estrita concatenação de ideias, sua clareza de conceitos e de expressão mesmo em se tratando de aspectos complexos, enfim, com seu caráter fortemente didático, Ratzinger traça um caminho que apela a encontrar meios adequados para tornar a fé compreensível para as várias gerações. Sua reflexão apoia-se na fé, mas percorre o caminho da razão e, com isso, torna-se instrumento para aproximação não só daqueles que creem em Jesus Cristo, mas também dos que procuram com sinceridade a verdade. Desse modo, seu «método» oferece elementos para a busca criativa de caminhos de evangelização, catequese e diálogo com crentes e não crentes de diversas orientações.

### Considerações conclusivas

No primeiro volume de seu livro *Jesus de Nazaré*, Ratzinger – Bento XVI afirma que a «questão hermenêutica fundamental consiste na pergunta a respeito da imagem de Deus»<sup>34</sup>. Ratzinger a trata, na *Introdução ao Cristianismo*, não partindo do Novo Testamento, como seria possível esperar pelo próprio título do livro, mas parte do dado veterotestamentário, estudando seu desenvolvimento, suas releituras no interior do mesmo Antigo Testamento, até chegar à plenitude da revelação em Cristo. O artigo aqui analisado confirma a palavra do Vaticano II, segundo a qual os livros do Antigo Testamento «exprimem o vivo sentido de Deus» e neles «se encontram sublimes doutrinas a respeito de Deus»<sup>35</sup>.

Tal consideração pelo caráter histórico da revelação e pela unidade dos dois testamentos na única Escritura demonstra a necessidade não só de uma metodologia exegética histórica, mas também de sua complementação a partir de critérios propriamente teológicos. Em relação ao primeiro ponto, afirmará mais tarde que é exatamente a ligação com o Antigo Testamento que pode prevenir o perigo de uma leitura espiritualizante

---

<sup>34</sup> Cf. Ratzinger – Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, 47.

<sup>35</sup> *Dei Verbum* n.º 15. Texto latino: «Unde iidem libri, qui vivum sensum Dei exprimunt, in quibus sublimes de Deo doctrinae.»

e anacrônica<sup>36</sup>. E, mais ainda, que «a correta interligação entre o Antigo e o Novo Testamento é constitutiva da Igreja»<sup>37</sup>. Quanto à consideração do método histórico, sua avaliação positiva e a um tempo realista permanecerá em seus escritos em várias oportunidades, como se depreende de algumas de suas palavras: «A interpretação da Escritura não pode ser uma simples questão acadêmica e não pode ser convertida apenas ao domínio histórico.»<sup>38</sup>

A leitura e interpretação da Escritura na busca da imagem de Deus, considerando a totalidade da Escritura, que tem sua chave hermenêutica em Cristo, é uma linha de pensamento que se manterá nas numerosas obras que produziu em sua trajetória acadêmica e pastoral: a «luta pela imagem de Deus, da qual se trata no debate sobre a explicação válida da Escritura, decide-se [...] concretamente na imagem de Cristo»<sup>39</sup>.

Um parágrafo de nosso Autor pode sintetizar as linhas de força de todo o seu discurso sobre Deus a partir da Sagrada Escritura:

«Hoje a Bíblia é cada vez mais submetida ao critério da assim chamada visão moderna do mundo, cujo dogma fundamental é que Deus não pode agir na história e que, portanto, tudo o que diz respeito a Deus deve ser relegado para o domínio do subjetivo. Então a Bíblia já não fala de Deus, do Deus vivo, mas somos apenas nós que falamos e que determinamos o que Deus pode fazer e o que nós queremos ou devemos fazer. E o Anticristo nos diz, com os gestos da mais elevada cientificidade, que uma exegese que lê a Bíblia na fé no Deus vivo e que aí o escuta é fundamentalismo; somente a sua exegese, segundo dizem puramente científica, na qual Deus nada diz e nada tem a dizer, é que está à altura do tempo.»<sup>40</sup>

---

<sup>36</sup> Cf. Ratzinger – Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, 82.

<sup>37</sup> Ratzinger – Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, 116.

<sup>38</sup> Ratzinger – Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, 82. Explicação mais ampla se pode ver o prefácio do primeiro volume de *Jesus de Nazaré*, 12-16.

<sup>39</sup> Ratzinger – Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, 47.

<sup>40</sup> Ratzinger – Bento XVI, *Jesus de Nazaré*, 47.

Abre-se aqui o tema pastoral, que surge intrinsecamente ligado à leitura da Escritura. Como é conhecido, em sua exortação apostólica *Verbum Domini*, Bento XVI apregoará não simplesmente uma «pastoral bíblica», mas «animação bíblica da pastoral inteira»<sup>41</sup>. Afirma nosso Autor: «Só se é fiel à intencionalidade dos textos bíblicos na medida em que se procura encontrar, no coração da sua formulação, a realidade de fé que os mesmos exprimem e em que se liga esta realidade com a experiência crente do nosso mundo.»<sup>42</sup>

É este, segundo Ratzinger – Bento XVI, o melhor meio para a Igreja enfrentar as questões pastorais: «Quando não se formam os fiéis num conhecimento da Bíblia conforme à fé da Igreja no sulco da sua Tradição viva, deixa-se efetivamente um vazio pastoral, onde realidades como as seitas podem encontrar fácil terreno para lançar raízes.»<sup>43</sup>

A coerência de nosso Autor, desde seus primeiros escritos até a atualidade evidencia o desenvolvimento orgânico e bem fundamentado de seu labor teológico, pautado pela fiel atenção à revelação divina, conhecida através da Escritura lida na Igreja. Tal modo de conduzir a reflexão é um verdadeiro programa para integrar estudo da Escritura e reflexão teológica.

## Bibliografia

- Bento, Papa. XVI. *Exortação Apostólica Verbum Domini*. Roma: Editrice Vaticana, 2010.
- Concílio Vaticano II. *Constituição Dogmática Dei Verbum* (1965).
- De La Potterie, Ignace. «Il Concilio Vaticano II e la Bibbia.» Em *L'esegesi cristiana oggi*. Ed. por Ignace de la Potterie et al. Casale Monferrato: Piemme, 1991, 19-42.
- Enchiridion Biblicum. Documenti della Chiesa sulla Sacra Scrittura. Edizione bilingue*. Bologna, Dehoniane, 1993.

---

<sup>41</sup> Bento XVI, *Exortação Apostólica Verbum Domini* 73 (Roma: Editrice Vaticana, 2010); cf. *Dei Verbum* 24.

<sup>42</sup> Pontifícia Comissão Bíblica, *A Interpretação da Bíblia na Igreja* (Roma: Editrice Vaticana, 1993), II, A, 2, citado em *Verbum Domini* 37.

<sup>43</sup> *Verbum Domini* 73.

Hunter, A.G. «Canonical Criticism.» In *A Dictionary of Biblical Interpretation*. Ed. por R.J. Coggins e J.L. Houlden, 105-107. London: SCM Press, 1990.

Pontificia Comissão Bíblica. *A Interpretação da Bíblia na Igreja*, Roma: Editrice Vaticana, 1993.

Ratzinger, Joseph – Bento, Papa. XVI. *Jesus de Nazaré*. São Paulo: Planeta, 2007.

Ratzinger, Joseph. «Dogmatische Konstitution über die göttliche Offenbarung.» In *Lexikon für Theologie und Kirche*. vol. 12, Ed. por Karl Rahner, 2.<sup>a</sup> ed., Freiburg: Herder, 1964.

Ratzinger, Joseph. *Introdução ao Cristianismo*. São Paulo: Loyola, 2005.

Simian-Yofre, Horace. «Possibilità e limiti dell'interpretazione "canonica" della Bibbia.» *Rivista Biblica* 56 (2008): 157-175.

Artigo submetido a 20.07.2020 e aprovado a 22.01.2021.

